



Dossiê “História das Doenças e Artes de Curar”

**Epidemia em papel e tinta:
a gripe espanhola nos jornais de São Paulo**

Liane Maria Bertucci

Doutora em História pela Unicamp e professora associada de História da Educação
Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação da UFPR.
lianebertucci@gmail.com

Recebido em 09/10/2018. Aprovado em 11/12/2018.

Como citar este artigo: BERTUCCI, L. M. “Epidemia em papel e tinta: a gripe espanhola nos jornais de São Paulo”. Khronos, Revista de História da Ciência, nº6, pp. 48 - 58. 2018. Disponível em <<http://revistas.usp.br/khronos>>. Acesso em dd/mm/aaaa.

Resumo: A partir de textos publicados nos jornais da cidade de São Paulo em 1918, este artigo aborda aspectos da narrativa construída pela imprensa sobre a gripe espanhola. Uma narrativa que reeditava a percepção milenar do homem diante do perigo epidêmico e também apontava nuances diante da gripe espanhola. Eram vários os artigos, pontuados por elogios ou críticas, que divulgavam considerações médicas sobre a epidemia e iniciativas médico-governamentais para socorrer os doentes, além difundirem as ações de moradores da cidade para auxiliar os gripados e suas famílias. Da doação de camas até a distribuição de alimentos, foram vários os auxílios individuais e de grupos organizados (civis e religiosos) realizados durante os terríveis dias da gripe espanhola.

Palavras-chave: gripe espanhola, imprensa, São Paulo, epidemia.

Epidemic in paper and ink: the Spanish flu in the newspapers of São Paulo

Abstract: From texts published in the newspapers in the city of São Paulo in 1918, this article addresses aspects of the narrative constructed by the press regarding Spanish flu. This narrative revisited the age-old perception of man facing a dangerous epidemic, with both praise and criticism, pointing out the nuances revealed during the Spanish flu. A number of articles, which included praise or criticism, published medical considerations on the epidemic and medical and governmental considerations to aid the sick, and also divulged the actions of the people who lived in the city to help those affected by the flu and their families. From the donation of beds to the distribution of food, aid took many forms, in terms of individuals and organized groups (both civilian and religious) during those terrible days of the Spanish flu.

Keywords: Spanish flu, the press, São Paulo, epidemic.

Introdução

Na cidade de São Paulo, a partir do final de maio de 1918 o jornal *O Estado de S. Paulo* publicou pequenos textos sobre a propagação de uma doença, de diagnóstico ainda incerto, que estava fazendo muitas vítimas na Espanha — até o rei estava enfermo¹. Em 1º de julho, informações publicadas por este periódico e também pelo *Jornal do Commercio* esclareciam seus leitores que a doença era gripe ou influenza e estava se espalhando por outros países². Cinco dias depois, texto publicado no *O Estado de S. Paulo* se referia à moléstia como gripe espanhola³, repetindo denominação utilizada na Europa⁴.

Essas informações esparsas não devem ter chamado muito a atenção dos paulistanos, principalmente porque a gripe — que causava febre, dores no corpo, coriza e um pouco de tosse — era considerada doença comum, sem grande risco de morte. Entre o final de julho e meados de agosto, parecendo confirmar esta perspectiva, a “espanhola” praticamente sumiu dos jornais.

Nesse período as notícias que mereciam destaque na imprensa de São Paulo eram sobre a Grande Guerra e a carestia dos gêneros alimentícios. Desde outubro de 1917, quando o Brasil entrou efetivamente no conflito mundial, que as considerações sobre os dois temas apareciam muitas vezes entrelaçadas, porque a participação na guerra resultou no aumento da exportação de alimentos para membros da Tríplice Entente (França, Reino Unido e Rússia) e seus aliados, elevando ainda mais o preço desses produtos no país⁵. Em São Paulo a geada que castigou o estado em junho de 1918 agravou esta situação⁶.

Foi nessa conjuntura que o governo federal criou o Commissariado de Alimentação Pública, para determinar medidas que resultassem no “[...] equilíbrio entre as necessidades da exportação e as do consumo interno do país”⁷ e decretou, no dia 10 de julho, a criação da Missão Médica Brasileira, que deveria rumar para França e organizar um hospital temporário para socorrer soldados e civis⁸.

O Commissariado, com dificuldades para cumprir suas funções, foi extinto. Mas a Missão Médica Brasileira, noticiada pelos jornais paulistanos desde sua criação, foi amplamente elogiada quando partiu do país no final de agosto de 1918.

Exatamente nessa época a epidemia de gripe espanhola, agora com grande virulência, reapareceu na Europa⁹. No Brasil o efetivo interesse pela moléstia aconteceu a partir da segunda

¹ *O Estado de S. Paulo*, 25.5.1918, p.4; 28.5.1918, p.2

² *Jornal do Commercio*, 1.7.1918, p.1; *O Estado de S. Paulo*, 1.7.1918, p.2.

³ A denominação gripe espanhola, segundo W.I.B. Beveridge (*Influenza: the last great plague*. London: Heinemann, 1977), teria surgido na Inglaterra em fins de abril de 1918. A principal teoria sobre o nome gripe espanhola afirma que a Espanha, país neutro durante a Primeira Guerra Mundial, não censurava as notícias sobre a gripe epidêmica, o que levou à dedução errônea que a doença se originou ou matou mais pessoas no país. É mais provável que a gripe espanhola tenha se originado em campos de treinamento militar no meio-oeste dos Estados Unidos. Foram três surtos de gripe entre março de 1918 e maio de 1919; o segundo e terrível surto aconteceu entre o final de agosto de 1918 e janeiro de 1919 (ECHEVERRI DÁVILA, B. *La gripe española*. La pandemia de 1918-1919. Madrid: Siglo XXI, 1993).

⁴ *O Estado de S. Paulo*, 6.7.1918, p.2

⁵ BERTUCCI, L. M. *Influenza, a medicina enferma*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004. p.91-92.

⁶ *Correio Paulistano*, 27.6.1918, p.4.

⁷ *O Estado de S. Paulo*, 13.6.1918, p.2.

⁸ APMC. A Missão Médica Brasileira na França. *Annaes Paulistas de Medicina e Cirurgia*, São Paulo, v. IX, n.9, p.211-216, 1918.

⁹ A gripe espanhola difundiu-se pelo planeta no segundo semestre de 1918, desestruturando sistemas de saúde, paralisando atividades socioeconômicas e fazendo milhares de vítimas fatais. Cf.:

- CARBONETTI, A. C.; ÁLVAREZ, A. La Gripe Española en el interior de la Argentina (1918-1919). In: *Americanía - Revista de Estudios Latinoamericanos*, v.6, 2017. Disponível em:

quinzena de setembro quando autoridades governamentais receberam informações, reproduzidas nos jornais de São Paulo, sobre o adoecimento e as várias mortes de membros da Missão Médica Brasileira e de soldados do exército nacional cujos navios haviam atracado em Dacar, no Senegal, antes de rumar para a França¹⁰.

Oficialmente a doença ainda não tinha sido identificada; entretanto, dia 24 de setembro, o título de um artigo de primeira página do jornal *A Capital* era revelador das suspeitas e apreensões de diversos paulistanos: “A influenza espanhola”¹¹. O artigo comentava o envio, determinado pelo Ministério da Marinha, de auxílio (principalmente medicamentos) para socorrer os doentes em Dacar e também transcreveu a solicitação, feita pelo Ministro ao doutor Carlos Seidl, para que fossem estabelecidas medidas de vigilância sanitária nos portos brasileiros¹². Seidl era o chefe da Diretoria Geral da Saúde Pública, órgão federal responsável pelas questões de saúde relacionadas aos portos do país.

Neste mesmo dia *O Estado de S. Paulo* e outros jornais informaram os paulistanos que Carlos Seidl havia estipulado que todo navio de “procedência suspeita” que aportasse no Brasil fosse submetido à “profilaxia indeterminada”, ou seja, ações gerais de desinfecção da embarcação e exames cuidadosos dos passageiros¹³. Esse tipo de profilaxia era estabelecido quando não estava definida a causa do adoecimento das pessoas ou a moléstia não demandava um tipo específico de ação profilática.

Nesse período de luto pelos mortos no Senegal, os membros da Academia Paulista de Medicina reuniram-se para discutir a natureza da “entidade mórbida” que estava matando os brasileiros na África: seria mesmo gripe?¹⁴ Os debates sobre a doença mudaram a partir de 26 de setembro, quando o governo brasileiro recebeu telegrama do doutor Nabuco de Gouvêa, chefe da Missão Médica Brasileira, confirmando o que vários médicos suspeitavam e a imprensa, mesmo sem confirmação, alardeava: as observações clínicas indicavam que a doença era a gripe, de extrema gravidade, que chamavam de “espanhola”¹⁵.

Enquanto os médicos realizavam debates e a atenção dos paulistanos estava centrada nas notícias sobre os brasileiros em Dacar, o navio Demerara, vindo da Europa, fez escalas em algumas cidades do nordeste do Brasil e depois ancorou no Rio de Janeiro, então capital do país.

<<https://www.upo.es/revistas/index.php/americania/article/view/2325>>. Acesso em: 27 de abril de 2018.

- SOBRAL, J. M. et al (eds.). *A pandemia esquecida*. Olhares comparados sobre a pneumônica 1918-1919. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2009.
- PORRAS-GALLO, M.I. DAVIS, R. A. (eds.). *The Spanish Flu Influenza Pandemic of 1918-1919*. Rochester: University of Rochester Press, 2014.
- PHILLIPS, H.; KILLINGRAY, D. (eds.). *The Spanish Influenza Pandemic of 1918-1919: new perspectives*. London: Routledge, 2003.
- PETERSON, K. D.; PYLE, G. F. *The geography and mortality of the 1918 influenza pandemic*. Bulletin of History of Medicine, Baltimore, v.65, p.4-21, 1991.

¹⁰ *O Estado de S. Paulo*, 22.9.1918, p.2 e 4; 24.9.1918, p.4.

O paquete da Missão Médica Brasileira ancorou em Dacar no dia 5 de setembro, no local já estavam soldados brasileiros vindos de Freetown (Serra Leoa), onde haviam parado para reparos e abastecimento dos navios (Cf. GAMA, A. O. S. da. *A marinha do Brasil na Primeira Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Capemi, 1982). Segundo A. W. Crosby Jr (*Epidemic and Peace 1918*. Westport: Greenwood, 1976) e Echeverri Dávila (1993, op. cit.), Boston, nos Estados Unidos, Brest, na França, e Freetown, em Serra Leoa, locais de trânsito de soldados, foram os principais pontos a partir dos quais a gripe espanhola se espalhou pelo planeta a partir de agosto de 1918.

¹¹ *A Capital*, 24.9.1918, p.1

¹² *A Capital*, 24.9.1918, p.1

¹³ *O Estado de São Paulo*, 24.9.1918, p.4.

¹⁴ BERTUCCI, L.M. Spanish Flu in Brazil: searching for causes during the epidemic horror. In: PORRAS-GALLO, M.I. DAVIS, R. A. (eds.). *The Spanish Flu Influenza Pandemic of 1918-1919*. Rochester: University of Rochester Press, 2014, p.41-43.

¹⁵ *O Estado de S. Paulo*, 28.9.1918, p.1.

Desde a travessia do Atlântico várias pessoas a bordo estavam doentes, algumas com gripe (espanhola?) — pelo menos um indivíduo gripado morreu. Foi realizada a desinfecção geral do navio e o exame dos passageiros. Os indivíduos que apresentavam sintomas de alguma doença foram enviados para o Hospital de Isolamento do Rio de Janeiro e os considerados sadios puderam desembarcar¹⁶.

Apesar das declarações das autoridades de saúde que procuravam tranquilizar a população carioca, notícias publicadas em jornais do Rio de Janeiro no final de setembro alertavam sobre possíveis gripados na cidade¹⁷. Em São Paulo, os periódicos *A Capital*, *O Combate* e *O Estado de S. Paulo* reproduziram essas suspeitas e também divulgaram boatos de gripados em Recife e informações sobre a existência de pessoas com gripe em Salvador — três cidades nas quais o Demerara havia atracado¹⁸.

Em 8 de outubro *O Estado de São Paulo* publicou uma nota confirmando a existência de soldados gripados na Vila Militar do Rio de Janeiro¹⁹. Considerações médicas, reproduzidas nos jornais, sobre a diferença entre a gripe espanhola, “de fora” (que tinha matado os brasileiros em Dacar), e a gripe “nossa” de todos os anos, que estaria vitimando esses soldados e outros brasileiros, foram apresentadas por Carlos Seidl ao Ministro da Justiça e Negócios do Interior²⁰ e a tese motivou debate na Academia Brasileira de Medicina²¹.

Mas em poucos dias essa possível diferença foi descartada, pois a virulência da gripe era desproporcional: no Rio de Janeiro eram 440 os gripados no dia 10 de outubro e no dia 14 do mesmo mês já eram 20.000 os doentes de gripe²². Nas semanas seguintes a imprensa do país relatava casos de gripe espanhola de norte a sul do Brasil²³.

A partir de outubro a gripe espanhola ganhou cada vez mais espaço nos jornais da cidade de São Paulo, que contava com cerca de 528.000 habitantes. Esses periódicos, do liberal *O Estado de S. Paulo* ao jornal “de oposição” *O Combate*, que repetidas vezes afirmavam prezar os ideais republicanos e a independência de opinião, foram elaborando uma narrativa cotidiana sobre gripe epidêmica na cidade. Nesse relato, multifacetado e escrito por diferentes pessoas, o evento epidêmico pode ser percebido como um drama dividido em atos²⁴: negação, aceitação, clímax e alívio pelo fim da doença; mas nessa narrativa também são captadas nuances motivadas pelas

¹⁶ Cf.: SEIDL, C. *A propósito da pandemia de gripe em 1918*. Rio de Janeiro: Typographia Besnard Frères, 1919.p.10-11.

¹⁷ BRITO, N. de A. “*La dançarina*”: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v.IV, n.1, p.11-30, 1997.

¹⁸ *A Capital*, 26.9.1918, p.1; *O Estado de São Paulo*, 26.9.1918, p.5; 2.10.1918 p. 4; *O Combate*, 27.9.1918, p.1.

¹⁹ *Estado de S. Paulo*, 8.10.1918, p.4.

²⁰ *O Estado de S. Paulo*, 9.10.1918, p.4.

²¹ BERTUCCI, 2014, op. cit., p.43-44.

²² BRITO, 1997, op. cit.

²³ Cf.:

- ABRÃO, J. S. *Banalização da morte na cidade calada*. A hespanhola em Porto Alegre, 1918. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 1998.
- BERTOLLI FILHO, C. *A gripe espanhola em São Paulo, 1918: epidemia e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- BERTUCCI, 2004, op. cit..
- GAMA, A. O. S. da. *A marinha do Brasil na Primeira Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Capemi, 1982.
- GOULART, A. da C. *Um cenário mefistofélico: a gripe espanhola no Rio de Janeiro*. 2003. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Federal Fluminense..
- SILVEIRA, A. J. T. *A influenza espanhola e a cidade planejada*. Belo Horizonte: Argumentum, 2008.
- SOUZA, C. M. C. de. *A gripe espanhola na Bahia: saúde, política e medicina em tempos de epidemia*. Rio de Janeiro: Editora da Fiocruz, 2009.

²⁴ ROSENBERG, C. E. What is an epidemic? Aids in historical perspective. In: *Daedalus*. Cambridge, v.118, n.2, p. 1-17, 1989.

experiências²⁵ dos paulistanos de 1918, inclusive daqueles que escreviam nesses jornais — que poderiam até ser independentes, mas não imparciais²⁶.

A epidemia de 1918 nas páginas dos jornais de cidade de São Paulo

No dia 15 de outubro o Serviço Sanitário do Estado de São Paulo confirmou o primeiro caso de gripe espanhola na capital do estado. Um estudante, chegado do Rio de Janeiro, que estava internado no Hospital de Isolamento paulistano há dois dias. Ao informar seus leitores sobre esse gripado, o jornal *A Gazeta* afirmou: “A terrível enfermidade faz a sua aparição em S. Paulo”²⁷.

O Serviço Sanitário, atento ao que acontecia no Rio de Janeiro e também aos boatos que circulavam na imprensa sobre gripados na cidade de São Paulo, emitiu uma série de considerações para tentar conter a disseminação da doença. O jornal *O Estado de S. Paulo* publicou integralmente o Comunicado do Serviço Sanitário no dia 16 de outubro. O texto, redigido dois dias antes (antes da confirmação do primeiro caso de gripe espanhola), começava com palavras tranquilizadoras: “A população, não só de S. Paulo, como do Rio e de todo o Brasil de Norte a Sul, tem estado ultimamente alarmada com o aparecimento da chamada “gripe espanhola”, que nada mais é senão a gripe, a influenza comum”²⁸.

Afirmando que não existia “profilaxia eficaz, regional ou local, para a influenza [e] toda ela deve ser “individual””, o Comunicado recomendava: evitar aglomerações, lugares fechados e resfriamentos bruscos; não fazer visitas e tomar cuidados higiênicos com o nariz e a garganta; realizar inalações de vaselina mentolada e fazer gargarejos com água e sal, água iodada, ácido cítrico ou tanino. Para a prevenção da doença era indicado o uso do quinino em doses de 0,25 a 0,50 centigramas por dia e vedado os excessos físicos. As pessoas idosas deveriam dobrar os cuidados prescritos. Para os doentes o Comunicado indicava o repouso aos primeiros sintomas da gripe, o que ajudaria a evitar complicações (que seriam as causas de morte nas gripes) e o contágio de outros indivíduos²⁹.

Nesse período, como uma reedição de tempos medievais quando a saúde do corpo era indissociável do bem estar espiritual, o medo passou a ser associado à propagação da doença e os pedidos de calma às pessoas multiplicaram-se na imprensa³⁰. No dia 19 de outubro, o jornal *A Capital*, ao apelar para a tranquilidade da população, publicou uma frase que também poderia indicar a gravidade da gripe espanhola: “não há razão para pânico e, ainda que houvesse, tudo aconselharia a resistir-lhe”³¹.

²⁵ Experiência entendida como vivência cotidiana, permeada por costumes ou tradições (cf. THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998).

²⁶ Além do *O Combate*, cujo lema indicava uma disposição de atacar a ordem governamental, todos os jornais tinham nas disputas políticas matéria-prima para seus artigos e os periódicos veiculavam opiniões e informes que ora os aproximavam ou os afastavam dos ocupantes de cargos públicos. Alguns jornais, entretanto, eram mais explícitos: no final do período epidêmico, por exemplo, o *Correio Paulistano* foi chamado de “folha essencialmente governista” em artigo do *O Estado de S. Paulo* (*O Estado de S. Paulo*, 11.12.1918, p.3). Para uma perspectiva geral da imprensa paulista e da brasileira, veja: N. W. Sodré (*A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966); L.M. MARTINS e T. R. LUCA, T. R. (*História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008).

²⁷ *A Gazeta*, 16.10.1918, p.1

²⁸ *O Estado de S. Paulo*, 16.10.1918, p.5.

²⁹ *O Estado de S. Paulo*, 16.10.1918, p.5

³⁰ BERTUCCI, L. M. A onipresença do medo na influenza de 1918. In: *Varia História*, Belo Horizonte, v.25, n.42, p.457-475, 2009.

³¹ *A Capital*, 19.10.1918, p.1

Nos dias anteriores ao da publicação desse artigo no *A Capital*, o número de gripados tinha começado a aumentar de forma exponencial: no dia 16 de outubro os “espanholados” eram 29, aos quais foram somados 57 novos gripados no dia seguinte e outros 179 no dia 18 de outubro³². A partir de 18 de outubro o Serviço Sanitário determinou que sociedades literárias, esportivas e recreativas suspendessem suas reuniões e jogos e que lugares públicos, como museus e parques, fossem fechados. As igrejas reduziram o número de missas e cultos. As escolas e faculdades encerram suas aulas — e pelo menos uma dessas instituições, o Grupo Escolar São João, foi prontamente transformado em Posto de Socorro aos gripados, assim como seriam outros prédios da cidade³³.

Para socorrer os gripados a Hospedaria dos Imigrantes foi transformada em enfermaria para os mais pobres e a Cruz Vermelha Brasileira (filial São Paulo) cedeu seu pessoal e sua sede para atender os doentes; congregações católicas e protestantes, assim como a maçonaria e associações espíritas, prontificaram-se a ajudar. A Liga Nacionalista³⁴ e a Cúria Metropolitana de São Paulo colaboraram ativamente com o Serviço Sanitário. Professores e alunos da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo foram mobilizados para colaborar com o atendimento aos enfermos³⁵.

Paralelamente *O Estado de S. Paulo* elaborou um resumo do Comunicado do Serviço Sanitário que foi publicado no dia 21 de outubro. Com o título de Conselhos ao Povo esse texto, com frases curtas, divulgava as recomendações para não contrair a gripe espanhola e para evitar sua difusão³⁶. O resumo foi reeditado pelo jornal diariamente nas semanas seguintes e também foi reproduzido por outros periódicos.

Se ações educativas para a saúde eram realizadas pelos médicos desde pelo menos o século XIX, motivando verdadeiras práticas médico-pedagógicas³⁷, durante a difusão epidêmica de uma doença sem tratamento específico, como a gripe, a necessidade de (re)educar a população, notadamente em medidas higiênicas, era fundamental na tentativa de diminuir a propagação e os efeitos deletérios da moléstia.

Mas, triste coincidência, também no dia 21 de outubro o Serviço Sanitário registrou a primeira morte por gripe espanhola em São Paulo. Ao anunciar o óbito, *A Gazeta* sugeriu uma medida extrema: isolar a cidade³⁸. A ideia do isolamento, que havia pontuado alguns textos dos jornais quando a epidemia surgiu como uma ameaça nacional³⁹, era considerada ineficaz pelos médicos no caso da gripe, espanhola ou não, pois o isolamento teria que ser absoluto e prolongado, algo inviável.

Entretanto, reapresentada na primeira página do jornal *A Gazeta* nesse momento crucial, a ideia do isolamento, além de reeditar a perspectiva da doença epidêmica como um mal estrangeiro e invasor (perspectiva recorrente no Ocidente há séculos), tornava evidente o medo da

³² MEYER, C. L.; TEIXEIRA, J. R. *A gripe epidêmica no Brasil e especialmente em São Paulo*. São Paulo: Casa Duprat, 1920. p.48

³³ BERTUCCI, 2004, op. cit., p.105-112. Os primeiros Postos de Socorro foram organizados pelo Serviço Sanitário, em meados de setembro, nas 5 Delegacias de Saúde de São Paulo. Durante a epidemia foram criados 44 Postos de Socorro na cidade (MEYER; TEIXEIRA, 1920, op. cit., p.4-5;7).

³⁴ A Liga Nacionalista, formada em São Paulo em 1917, era uma organização não partidária que, a partir do ideal nacionalista, lutava pelo voto secreto e pela educação popular (mantinha escolas de ensino primário).

³⁵ BERTUCCI, 2004, op. cit., p.122-123.

³⁶ *O Estado de S. Paulo*, 21.10.1918, p.3.

³⁷ TERRÓN BAÑUELOS, A. La higiene escolar: un campo de conocimiento disputado. In: *Áreas - Revista Internacional de Ciencias Sociales*, v.20, p. 73-94, 2002. Disponível em: <http://revistas.um.es/areas/issue/view/10781>. Acesso em: 16 de abril de 2018.

³⁸ *A Gazeta*, 22.10.1918, p.1.

³⁹ Por exemplo: *A Nação*, 23.9.1918, p.1.

“ruptura inumana” da vida cotidiana⁴⁰ que essa gripe singular provocava e que os paulistanos, atentos às notícias sobre outras cidades, começavam a temer como inevitável e avassaladora.

O esgarçamento das relações sociais, o impedimento das atividades diárias e a multiplicação de mortes não fazia parte da vivência de muitos dos moradores de São Paulo em 1918, pois, mesmo registrando surtos de varíola e de outras doenças, a cidade não tinha sofrido esse tipo de catástrofe epidêmica nas últimas décadas — a febre amarela, um terror nacional, que vitimou e assombrou os habitantes de várias cidades do estado até a virada para o século XX, não grassou em São Paulo.

A proposta de isolar a cidade não foi efetivamente discutida em outubro de 1918, mas os jornais também apresentaram outras sugestões, menos radicais, que podem ter concorrido para ações de combate à epidemia e seus efeitos. *O Combate* propôs que o texto Conselhos ao Povo, em português e versão em italiano, fosse entregue de porta em porta nos bairros operários (com muitos imigrantes) do Brás, Mooca, Pari, Belenzinho, Bom Retiro e Bexiga, e distribuído nos subúrbios: Santana, Penha, Lapa, Pinheiros, Quarta Parada e adjacências⁴¹. *O Estado de S. Paulo* insinuou que o governo poderia ajudar financeiramente a subsistência de gripados pobres e operários — as fábricas estavam paralisando suas atividades devido à epidemia — e solicitou que os paulistanos fizessem donativos para as vítimas necessitadas da gripe espanhola⁴².

Coerente com a proposta apresentada, e com autorização do Serviço Sanitário, *O Estado de S. Paulo* anunciou no dia 25 de outubro a organização de uma lista de doações para os gripados. As quantias em dinheiro e os nomes dos doadores (ou o informe “anônimo”) foram publicados pelo jornal regularmente. Em menos de uma semana *O Estado de S. Paulo* ganhou a colaboração do *Fanfulla*, jornal editado pela e para a grande colônia italiana de São Paulo. Surgia a Comissão de Socorro Estado-Fanfulla. Além de arrecadar dinheiro, que foi repassado principalmente à Cruz Vermelha Brasileira, a Comissão organizou a distribuição de alimentos aos necessitados⁴³. No início de novembro o jornal *A Capital* organizou a coleta de doações para auxiliar os gripados e também cedeu espaço em sua sede para a instalação de um Posto de Socorro aos “espanholados”⁴⁴.

Atendendo os apelos realizados, os paulistanos fizeram doações variadas, entre elas: pão, carne, farinha, leite e ovos; camas, pratos, jarros e canecas; gasolina — para viabilizar o transporte de socorro aos gripados, e diversas quantias em dinheiro. Paralelamente, os Postos de Socorro além de atendimento médico, inclusive em domicílio, distribuíam medicamentos⁴⁵ e, alguns deles, mantimentos às famílias dos “espanholados”.

Coordenando a rede de assistências às vítimas da gripe espanhola que se formou em poucos dias, estava o doutor Arthur Neiva, diretor do Serviço Sanitário.

Enquanto essa mobilização era realizada, o número de doentes e de óbitos cresceu. Segundo dados do Serviço Sanitário, eram 2.241 novos gripados em 25 de outubro e, cinco dias

⁴⁰ DELUMEAU, J. *História do medo no Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.117-125

⁴¹ *O Combate*, 24.10.1918, p.1.

⁴² *O Estado de S. Paulo*, 25.10.1918, p.4; 27.10.1918, p.3.

⁴³ *O Estado de S. Paulo*, 25.10.1918, p.3; 29.10.1918, p.4; *Fanfulla*, 29.10.1918, p. 3

⁴⁴ *A Capital*, 4.11.1918, p.4.

⁴⁵ O preço dos medicamentos foi tabelado e algumas farmácias foram autorizadas a realizar o aviamento de receitas para doentes pobres — os familiares destes gripados deveriam apresentar autorização emitida pela coordenação de serviços de combate à epidemia. A conta depois foi paga pelos cofres públicos.

depois, 30 de outubro, eram mais 4.4887 novos casos de pessoas com gripe espanhola. O número de mortos diários também aumentou: dia 25 de outubro foram 14 mortes e dia 30 de outubro foram 77 as vítimas fatais da epidemia⁴⁶.

Foi nesse contexto, dia 28 de outubro a coluna Notícias Diversas do *O Estado de S. Paulo* publicou uma declaração de Arthur Neiva na qual o diretor de Serviço Sanitário solicitou ajuda da população, pois o governo não conseguiria atender os crescentes encargos demandados para o combate à epidemia⁴⁷. Na mesma data, a edição do Comunicado da Diretoria do Serviço Sanitário, que era distribuído à imprensa de São Paulo diariamente, solicitou a colaboração dos paulistanos na luta contra o “mal de extraordinária expansibilidade e cuja profilaxia específica ainda ignora a ciência”⁴⁸.

Reproduzido pela imprensa, esse Comunicado pode ter colaborado para aumentar o número dos moradores de São Paulo que ajudavam no socorro aos gripados, entretanto, essas palavras também insuflaram as críticas às ações governamentais.

No dia 30 de outubro artigo do *O Combate* afirmou que Arthur Neiva era culpado pela “falência do Serviço Sanitário”, porque não teria cumprido sua real função, que era prevenir e eliminar a possibilidade da doença⁴⁹. Mais uma vez, a ideia do isolamento total da cidade e da exclusão dos portadores/forasteiros da doença, parecia permear a crítica baseada em uma ideia do que deveria ter sido realizado e não foi — pelo menos segundo este jornal “de oposição”.

Mas, também no dia 30 de outubro, dois dias depois de apelar para a ajuda popular, Neiva afirmou, em novo Comunicado da Diretoria do Serviço Sanitário, que o encaminhamento exigido pelo grave momento epidêmico era a hospitalização dos gripados, notadamente dos casos mais graves. Como o pessoal que atuava no combate à gripe, inclusive os médicos, estava adoecendo, a centralização do atendimento às vítimas da “espanhola” em hospitais foi apresentada como a medida mais acertada.⁵⁰ Até essa data a recomendação aos paulistanos era que buscassem atendimento nos Postos de Socorro, com médicos e/ou pessoal de saúde, e permanecessem em suas casas.

Esses Postos de Socorro continuariam funcionando, mas agora o mais indicado para os gripados era a internação hospitalar. No mesmo Comunicado do dia 30 de outubro, o diretor do Serviço Sanitário anunciou o doutor Arnaldo Vieira de Carvalho, diretor da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, como coordenador dos chamados Hospitais Provisórios⁵¹.

No dia 1º de novembro *O Estado de S. Paulo* publicou em sua primeira página a nota Ao Povo na qual se lia: “É da maior conveniência para os enfermos a sua ida para um dos hospitais montados pelo governo ou por particulares”⁵². Na mesma data, a proposta da hospitalização mereceu um dos poucos comentários positivos publicados pelo *O Combate* quando o tema era o combate à epidemia:

o maior mal da “espanhola”, já por si perigosa, é a falta de tratamento ocasionada pela demora dos médicos que assistem os enfermos necessitados e pela desorganização dos lares pobres, em que todos caem ao mesmo tempo e não há quem os acuda. O remédio, repetimos, está na hospitalização dos

⁴⁶ MEYER; TEIXEIRA, 1920, op. cit., p 48;50.

⁴⁷ *O Estado de S. Paulo*, 28.10. 1918, p.3.

⁴⁸ Comunicado *apud* MEYER; TEIXEIRA, 1920, op. cit., p.97-99.

⁴⁹ *O Combate*, 30.10.1918, p.1.

⁵⁰ As organizações hospitalares existentes em São Paulo, como a Santa Casa de Misericórdia, abriram suas portas aos gripados mais ou menos a partir dessa data, até então esses hospitais priorizavam o atendimento a outras doenças.

⁵¹ Comunicado *apud* Meyer; Teixeira, 1920, op. cit., p.103-105.

⁵² *O Estado de S. Paulo*, 1.11.1918, p.1.

enfermos de formas mais graves e dos que se achem sem recursos pela generalização da moléstia⁵³.

No dia 1º de novembro já estavam organizados 7 Hospitais Provisórios, no dia seguinte eram 21 os nosocômios prontos para atender os gripados⁵⁴. Mas os doentes e as vítimas fatais da gripe espanhola continuaram aumentando. Alguns culpavam a resistência das pessoas à internação hospitalar — resistência que era resultado da ignorância, segundo considerações mais ou menos explícitas publicadas nos jornais *O Combate* e *O Estado de S. Paulo*⁵⁵. Entretanto, ainda percebido como lugar de morte para doentes desenganados e de acolhimento para enfermos desamparados ou miseráveis, os hospitais despertavam temor em muitos paulistanos⁵⁶.

Considerando os gripados novos e as mortes pela “espanhola”, no início de novembro os números apresentados pelo Serviço Sanitário foram: dia 1º de novembro, 4.180 novos enfermos e 115 mortos; dia 4 de novembro, foram 7.786 novos doentes e 172 mortos⁵⁷.

Nesse contexto as críticas à organização da assistência aos “espanholados” cresceram na imprensa e até entre aqueles que colaboravam com o atendimento aos gripados. No dia 8 de novembro, o Secretário do Interior do Estado de São Paulo, Oscar Rodrigues Alves, realizou uma reunião com o diretor do Serviço Sanitário e os representantes de comissões, igrejas e entidades civis e beneficentes que atuavam em parceria com os governos municipal e estadual no socorro às vítimas da epidemia. Na reunião foram estabelecidas coordenadorias para aglutinar e dirigir as ações de combate à gripe espanhola, algumas das quais estavam sendo realizadas, de forma desconexa, por mais de um grupo de voluntários⁵⁸. Apesar da afirmação que a supervisão de todo o trabalho continuaria sob a responsabilidade do Serviço Sanitário, a diminuição do poder de comando de Arthur Neiva era evidente.

Nos jornais paulistanos do dia 9 de novembro a reorganização foi matéria de destaque, mas com ênfases diversas. Alguns artigos se limitavam a informar sobre a nova estrutura administrativa das ações de combate à “espanhola”, como fez *O Estado de S. Paulo*⁵⁹, outros publicaram críticas destacadas ao Serviço Sanitário, como *O Combate*, que aplaudiu a iniciativa do Secretário do Interior, pois esta poderia diminuir “o caos” vivido na cidade “graças as falhas de organizador do dr. Arthur Neiva”⁶⁰.

Foi nesse período de reordenação que o jornal *A Platéia* publicou, ainda no dia 8 de novembro, uma declaração de Arthur Neiva na qual o médico, depois de mencionar os números de óbitos de gripados e os casos novos de gripe espanhola em São Paulo nos dois dias anteriores, afirmou que a epidemia estava diminuindo de intensidade. Segundo o diretor do Serviço Sanitário, apesar da crescente quantidade de mortes pela “espanhola”, a tendência de queda de novos casos da doença indicava o declínio da gripe epidêmica. Os números eram os seguintes: 7.496 novos doentes no dia 6 de novembro e 7.230 no dia 7⁶¹. No dia 8 de novembro seriam 6.703 os novos gripados⁶².

Certamente muitos leitores de *A Platéia* duvidaram das considerações do diretor do Serviço Sanitário. Entretanto, conforme noticiou *O Combate* no dia 9 de novembro, o coordenador dos Hospitais Provisórios, Arnaldo Vieira de Carvalho (mantido no cargo pelo Secretário do

⁵³ *O Combate*, 1.11.1918, p. 3.

⁵⁴ *O Estado de S. Paulo*, 1.11.1918, p. 5; 2.11.1918, p.4.

⁵⁵ *O Combate*, 1.11.1918, p.3; *O Estado de S. Paulo*, 1.11.1918, p. 3.

⁵⁶ BERTUCCI, 2009, op.cit..

⁵⁷ MEYER; TEIXEIRA, 1920, op. cit., p.48;51.

⁵⁸ BERTUCCI, 2004, op. cit., p. 304-306.

⁵⁹ *O Estado de S. Paulo*, 9.11.1918, p.3.

⁶⁰ *O Combate*, 9.11.1918, p.1.

⁶¹ *A Platéia*, 8.11.1918, p.6.

⁶² MEYER; TEIXEIRA, 1920, op. cit., p. 48.

Interior), anunciou que não organizaria novas unidades hospitalares para gripados porque existiam leitos ociosos. Eram 39 Hospitais Provisórios em funcionamento, com o total de 9.370 leitos⁶³.

Segundo o artigo publicado no *O Combate*, essa ociosidade dos leitos para gripados era apenas o resultado da recusa à internação, uma atitude já denunciada pela imprensa⁶⁴. Mas, em poucos dias, confirmando as palavras de Neiva, dados divulgados pelos Comunicados da Diretoria do Serviço Sanitário e reproduzidos nos jornais de São Paulo indicavam a tendência de declínio epidêmico.

Considerando os dias 10, 11, 12 e 13 de novembro foram, respectivamente, 4.826, 4.801, 3.565 e 2.857 gripados novos cada dia. Com o total de óbitos a situação oscilou: 272 mortos pela “espanhola” dia 10; 241 no dia 11; 244 no dia 12, e 219 no dia 13 de novembro⁶⁵.

O jornal *O Combate* emitiu protestos, sempre na primeira página, porque estes números apresentavam discrepâncias com os dados divulgados pela prefeitura de São Paulo — o Serviço Sanitário, desacreditado pelo jornal, afirmava que a diferença era resultado do horário da coleta dos dados⁶⁶. Entretanto, a partir desses dias, o que a maioria dos moradores de São Paulo começou a sentir, segundo o jornal *A Nação*, foi “alívio”⁶⁷.

Como afirmou artigo publicado no *A Gazeta*: a possibilidade de vislumbrar o fim da gripe espanhola era como um “raio de esperança” para os paulistanos⁶⁸. E essa esperança começou também a pontuar os relatos dos jornais sobre a epidemia.

Considerações Finais

Na segunda semana de novembro a saudação do *Jornal do Commercio* ao Serviço Sanitário e ao Secretário do Interior, que poderiam “estar na certeza de já terem vencido [a epidemia]”, e a informação publicada pelo *O Estado de S. Paulo* sobre a circulação na cidade de bondes com muitos passageiros, certamente concorreram para o otimismo dos moradores de São Paulo que aguardavam ansiosos por notícias que sinalizassem o fim da gripe espanhola⁶⁹. Concomitantemente estava chegando ao fim a narrativa diária sobre epidemia, uma narrativa permeada pelo sofrimento individual e coletivo dos paulistanos que vivenciaram a gripe espanhola.

Pouco a pouco os Hospitais Provisórios começaram a fechar, assim como foram sendo desativados os Postos de Socorro e desmobilizadas pessoas e entidades que estavam cooperando com o atendimento aos gripados e seus familiares. Quando, em meados de novembro, começaram as especulações sobre a reabertura dos teatros na cidade até *O Combate* declarou “a pandemia entrou francamente em declínio”⁷⁰.

Segundo o Serviço Sanitário, entre 16 de outubro de 19 de dezembro foram notificados 116.777 casos de gripe espanhola em São Paulo e o total de mortes devido à doença atingiu cerca de 1% da população da cidade: 5.331 pessoas. Números considerados de “relativo valor” pelo

⁶³ MEYER; TEIXEIRA, 1920, op. cit., s.p.

⁶⁴ *O Combate*, 9.11.1918, p.3.

⁶⁵ Comunicado *apud* MEYER; TEIXEIRA, 1920, op. cit., p. 120-125.

⁶⁶ *O Combate*, 10.11.1918, p.1; 11.11.1918, p.1; 12.11.1918, p.1; 13.11.1918, p.1.

⁶⁷ *A Nação*, 12.11.1918, p.4.

⁶⁸ *A Gazeta*, 11.11.1918, p.2.

⁶⁹ *Jornal do Commercio*, 11.11. 1918, p.2; *O Estado de S.Paulo*, 12.11.1918, p.2.

⁷⁰ *O Combate*, 14.11.1918, p.1.

Serviço Sanitário, inclusive em nota publicada na imprensa⁷¹, devido a falhas estatísticas especialmente nas primeiras três semanas de epidemia⁷².

E, se foram utilizados muito papel e tinta para informar, comentar, criticar e, por vezes, aplaudir, as ações relacionadas à epidemia, a partir do final de novembro artigos foram publicados em vários jornais com elogios explícitos aos envolvidos no combate à gripe espanhola: do “povo paulista”, chamado de “herói” pelo *O Estado de S. Paulo* pela atuação durante a doença, até Arthur Neiva, alvo de críticas no período epidêmico, que foi saudado no *A Gazeta* pela “sábia direção” da estrutura de combate à gripe espanhola⁷³.

Em meados de dezembro o mais importante parecia ser comemorar o fim da epidemia, exaltando todos os que, de alguma forma, haviam lutado contra a terrível gripe ou influenza chamada “espanhola”.

⁷¹ Cf. *A Nação*, 12.11.1918, p.4.

⁷² MEYER; TEIXEIRA, 1920, op. cit., p.47-53. O número de mortos pela gripe espanhola apresentado por Bertolli Filho (2003, op.cit.), resultado de pesquisa realizada nos Livros de Cemitérios das dez necrópoles que existiam em São Paulo em 1918, não registrou grande diferença do número divulgado pelo Serviço Sanitário no final da epidemia. O Serviço Sanitário também divulgou o total de óbitos ocorridos em São Paulo, até 31 de dezembro de 1918, por pneumonia gripal: 1.192; pneumonia: 273; broncopneumonia gripal: 125, e broncopneumonia: 257 (MEYER; TEIXEIRA, 1920, op. cit., p.57).

⁷³ *O Estado de S. Paulo*, 11.12.1918, p.3; *A Gazeta*, 20.12.1918, p.1.